

# O CÔMICO E O TRÁGICO EM SALA DOS PROFESSORES, DE LEONARDO CORTEZ

Rômulo Gomes Baena, Wagner Corsino Enedino

romulo\_baena@ufms.br, wagner.corsino@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

## III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** *O presente trabalho buscou discutir o texto dramático “Sala dos Professores” (2017), escrito por Leonardo Cortez, tentando analisar, a partir da diegese da obra, os limites e as intersecções dos gêneros cômico e trágico. A obra de Cortez é permeada por um projeto estético que busca tematizar questões como a lógica mercantil do ensino, a precariedade das condições de trabalho da classe docente, bem como a relação interpessoal entre professores e alunos. Não obstante, a seriedade dos temas postos em cena na dramaturgia de Cortez contrapõe-se pela presença do humor; constituindo-se como uma espécie de alegoria tragicômica. Com efeito, nosso trabalho apresenta uma metodologia de vertente crítico-comparativa, que visa discutir, no drama corteziano, as relações que se estabelecem entre as tradições e convenções da comédia e tragédia. Para isso, nos embasamos na epistemologia de Norma Román Calvo (2003), Martin Esslin (1986), Vilma Arêas (1990) e Patrice Pavis (1999).*

**Palavras-Chave.** *Comédia, Tragédia, Sala dos Professores.*

**Abstract.** *The present work sought to discuss the dramatic text “Sala dos Professores” (2017), written by Leonardo Cortez, trying to analyze, from the diegesis of the work, the limits and intersections of the comic and tragic genres. Cortez's work is permeated by an aesthetic project that seeks to thematize issues such as the mercantile logic of teaching, the precarious working conditions of the teaching class, as well as the interpersonal relationship between teachers and students. However, the seriousness of the themes put on stage in Cortez's dramaturgy is opposed by the presence of humor; constituting itself as a kind of tragicomic allegory. Indeed, our work presents a critical-comparative methodology, which aims to discuss, in Cortez's drama, the relationships that are established between the traditions and conventions of comedy and tragedy. For this, we base ourselves on the epistemology of Norma Román Calvo (2003), Martin Esslin (1986), Vilma Arêas (1990) and Patrice Pavis (1999).*

**Keywords.** *Comedy, Tragedy, Sala dos Professores.*

## 1. Introdução

Tragédia e comédia são os gêneros dramáticos clássicos, e remetem ao teatro produzido na Grécia Antiga, tendo os seus primeiros registros de caráter descritivo encontrados na *República*, de Platão e na *Poética*, de Aristóteles. Ocorre, todavia, que mesmo com os mais de dois mil anos de problematização teórica, as definições dos gêneros e subgêneros dramáticos ainda geram muito debate; convergindo limites tênues entre os aspectos formais.

Nesse sentido, o intuito deste artigo é analisar o entrecruzamento de elementos trágicos e cômicos no texto dramático *Sala dos Professores* (2017), de autoria do paulistano Leonardo Cortez. Sua obra identifica-se como uma forma de tragicomédia, o que, de acordo com Martin Esslin (1986), constitui um gênero híbrido e complexo, que, por sua natureza, apresenta considerável grau de sofisticação. Por assumir dois padrões de tensão, o impacto que este tipo de drama alcança junto ao público pode causar tanto um enriquecimento de visão, quanto uma superação das expectativas do público, uma vez que estas passam por constante reajuste.

Partindo desses pressupostos, buscamos aventar em que medida o texto dramático elabora mecanismos e perspectivas das tradições trágica e cômica, buscando a visualização das especificidades dos gêneros dramáticos clássicos, bem como seus encontros, demonstrando as potencialidades da escrita tragicômica. Para nossa reflexão, partimos dos apontamentos teóricos de Norma Román Calvo (2003), Martin Esslin (1986), Vilma Arêas (1990) e Patrice Pavis (1999).

## 2. Em cena, o trágico e o cômico: breves considerações

Acerca dos conceitos de tragédia e comédia, como aponta Martin Esslin (1986, p. 73), “[...] a definição mais simples, e que um sem-número de teóricos chamaria de simplória, continua a ser geralmente aplicável, muito embora resolva muito pouca coisa: uma peça de final triste é uma tragédia, uma peça de final alegre é uma comédia”. Muito embora esse seja um critério passível de utilização crítica e amplamente observável na história dramática, podem-se encontrar exceções à regra desde a Antiguidade Clássica. O risco da absolutização desse parâmetro, de acordo com Vilma Arêas, é que,

Segundo esse critério, sem dúvida simplista, peças que contêm acontecimentos sombrios e angustiantes, muito longe de serem engraçadas, são catalogadas no

rol das comédias, pelo desenlace sem sangue derramado. Por outro lado, peças decididamente cômicas, se acaso terminam em morte, mesmo que seja morte também cômica, provocam estupefação nos catalogadores (ARÉAS, 1990, p. 15).

Com isso, percebe-se que o gênero de um texto dramatúrgico deve ser pensado em sua totalidade, e não partindo de um critério único. Nesse sentido, Norma Román Calvo (2003, p. 103) apresenta sete elementos distintivos dos gêneros dramáticos, os quais instrumentalizam o crítico para uma análise mais relevante destes: a *intenção do autor*, o *tema*, o *estilo de narração do autor*, o *desenvolvimento do conflito ou ação*, a *personagem*, a *resolução da personagem* e a *linguagem*.

O já citado final positivo ou negativo da peça encontra-se no elemento da *resolução da personagem*. No entanto, outras questões podem se colocar acerca desta resolução. Nesse sentido, deve-se:

- a) Perceber se o personagem sabe qual é o seu conflito ou problema.
- b) Se ele o conhece, observar de qual maneira o enfrenta.
- c) Observar se o personagem tem a possibilidade de resolver o referido problema.
- d) Observar até que ponto o personagem é capaz de resolvê-lo ou não (CALVO, 2003, p. 105, *tradução nossa*).

Com base nestas reflexões epistemológicas, podemos ponderar a primeira distinção entre tragédia e comédia. Segundo Patrice Pavis (1999, p. 416), “[...] a história trágica imita as ações humanas colocadas sob o signo dos sofrimentos das personagens e da piedade até o momento do reconhecimento das personagens entre si ou da conscientização da fonte do mal”. Como se pode pressupor, a resolução do conflito, na tragédia, é sempre negativa para a protagonista, sendo essa personagem punida ou destruída. Vale lembrar que as questões tratadas nas tragédias são universais e inconciliáveis; logo, se a personagem vai irremediavelmente em direção a um conflito inconciliável, a única resolução lógica é a destruição desta. Não obstante, a natureza profunda do seu conflito só lhe é revelada nesse momento decisivo, quando sua verdadeira humanidade é afirmada.

Na comédia, por sua vez, a personagem pode conhecer ou não a natureza do seu conflito, a depender se trata de uma comédia de intriga ou de caráter (ou de personagem). Segundo Calvo (2003, p. 133), “[...] nas comédias de enredo, ao desfazer-se a confusão que o enredo causou, a situação é esclarecida e um final feliz é produzido. No segundo grupo, o personagem principal, ao cair no ridículo, reconhece sua falha de caráter e

promete uma transformação”. Na primeira forma, como percebemos, o ponto de reconhecimento permite, em si, um final positivo. Já na comédia de caráter, o conflito não se dá pelo desconhecimento, mas, sim, pela negação, de modo que se permite um final positivo a partir da exposição dos vícios das personagens e a sinalização de uma nova postura.

Disso depreendem-se dois outros elementos apresentados por Calvo (2003), a saber, a *intenção* do autor e o *tema* da obra. No gênero trágico, a intenção é causar a *catarse* do público, por meio do binômio horror e piedade. O que é colocado em cena na tragédia é o sofrimento das personagens. Personagens que vão em direção a um conflito sem possibilidade de resolução positiva. A piedade, nesse sentido, é causada no público, que testemunha todo esse processo. Na comédia, por sua vez, o autor buscaria o riso reflexivo do público. Ocorre que o *tema* das tragédias são os problemas universais e insolúveis; enquanto, na comédia, “[...] o tema refere-se às debilidades humanas em um mundo cotidiano” (CALVO, 2003, p. 113, *tradução nossa*). Desse modo, o alívio possível na resolubilidade do conflito cômico, não é possível no gênero trágico.

A comédia traz reflexividade temática por meio da observação de conflitos para os quais, uma vez trabalhadas positivamente nossas debilidades humanas, abrir-se-ia a possibilidade de resolução; adquirindo uma visão da nossa humanidade por meio da observação da fraqueza superada. Na tragédia, por sua vez, o grande efeito psicológico é a *catarse*, uma vez que experienciamos com profunda compaixão a outro ser humano em sofrimento; adquirindo, assim, uma visão profunda de nossa própria humanidade.

Nisso, podemos perceber consideráveis diferenças entre a personagem cômica e trágica. Cumpre ressaltar que essas diferenças vão alterando, também, a posição do público em relação às personagens, as quais diferem tanto por sua posição social, quanto por suas dimensões. Segundo Calvo (2003), a personagem trágica é esférica, representando uma figura complexa, uma individualidade. É, assim, uma personagem que apresenta várias características próprias, tendo defeitos e méritos, e, via de regra, sofre mudanças significativas quanto ao desenvolvimento da ação dramática (tanto no plano diegético, quanto no mimético). A personagem cômica, por sua vez, tende ao caricatural, no sentido em que as suas características não parecem individualizadas, mas, sim, são ampliadas ao nível do ridículo. Isso não implica, necessariamente, que uma personagem configurada em uma comédia não sofra transformações no decorrer da ação dramática, como já foi

observado. Ocorre, todavia, que suas características são menos individualizadas, trazendo menos dimensões que a personagem trágica.

Quanto à categoria do *desenvolvimento*, Calvo (2003) coloca em questão se a progressão dramática se dá causalmente ou pelo acúmulo da intriga dramática. Estando a protagonista (ou o coletivo representante das forças do protagonismo) envolta a um conflito (*plot*), poderíamos observar que alguns desses conflitos são desenvolvidos pelo avanço da própria personagem, que toma uma ação direta frente ao problema e avança por meio da ação buscando a resolução desse conflito; e, em outros momentos, o desenvolvimento do conflito não se dá pela personagem, mas pela intriga, ou seja, uma série de situações, que, uma a uma, ocorrem ao personagem, de forma episódica, como um tipo de acúmulo.

Na tragédia, temos o primeiro caso, uma vez que a personagem toma os rumos do conflito até o seu limite. Na comédia, por sua vez, as duas formas seriam possíveis. Quando se trata de uma comédia de intriga, haveria um acúmulo de eventos acometendo a personagem. Já na comédia de caráter, a personagem vai ao encontro do conflito. O humor se dá, na comédia de caráter, em muito, exatamente por essa condição, de uma personagem inferior (no sentido de suas fraquezas), buscar resolver um conflito cotidiano e, quase sempre, falhar de forma risível.

Por fim, temos as categorias do *estilo* e da *linguagem*. Esses dizem respeito ao tratamento da linguagem geral da obra e a linguagem empregada pelas personagens. O estilo da tragédia, de acordo com Calvo (2003) é solene, elevado, trazendo um grau superior de seriedade, enquanto a comédia tende ao burlesco. Já a linguagem empregada pela personagem trágica seria carregada de ideias, tendendo ao filosófico. Na comédia, por sua vez, a linguagem do cotidiano emerge, acompanhando o nível de conflito e as dimensões da personagem cômica. Há, sim, a possibilidade da personagem da comédia empregar uma linguagem elevada, entretanto essa virá sempre marcada pelo exagero e o caricatural.

Dito isso, passemos à análise da obra *Sala dos Professores*, em que observaremos como cada um desses elementos ganha relevo.

### **3. Em cena, uma (possível) análise**

A obra *Sala dos Professores* é permeada por um projeto estético que busca tematizar questões como a lógica mercantil do ensino, a precariedade das condições de

trabalho da classe docente, bem como a relação interpessoal entre professores e alunos. Ali são postos, em cena, professores inseridos em um ambiente de conflito interpessoal e institucional, sem que vislumbrem qualquer possibilidade para a resolução dos seus conflitos. As temáticas da exaustão do trabalho e da ausência de valorização do trabalho docente - bem como as categorias do *estilo* e a *linguagem* cotidiana, empregados na peça - são colocadas desde a primeira cena, quando vemos os professores discutindo com Whitaker, o diretor da escola:

WHITAKER - A Sociedade Mantenedora reajustou a mensalidade levando em conta o prognóstico da inflação acumulada!

ALVARO - Ótimo! Se a Sociedade Mantenedora sabe tanto sobre a inflação acumulada, então ela sabe que o nosso salário está defasado!

MAGDA - Os pais dos alunos ficaram putos com o aumento da mensalidade.

ALVARO - E nós também, por conta da ausência do repasse do aumento!

WHITAKER - Um minuto! Eu devo lembrá-los que, no ano passado, vocês receberam aumento acima do dissídio.

ALVARO - O que a gente recebeu foi um adicional por hora de reunião.

WHITAKER - Bem lembrado. Essa reunião já está paga, Olivério.

*Protestos gerais. "Eu disse, era só o que faltava, etc..."* (CORTEZ, 2014, p. 16).

No que diz respeito à *linguagem*, podemos perceber a predominância da linguagem cotidiana, em especial no que diz respeito aos professores. Whitaker, por sua vez, em muitos momentos da peça, assume um tom solene, de linguagem técnica, representando-se como um tipo de elo de nobreza escolar. Isso se faz com uma artificialidade típica da comédia, e compõe o processo de reconhecimento dessa personagem que, ao fim, se verá também como um professor, compreendendo seu próprio ridículo.

Nesse trecho, também, colocam-se em questão as problemáticas da baixa valorização docente em nível salarial, sendo os professores privados de repasses ordinários, dos quais detém objetivamente direito, bem como sendo coagidos a desenvolver atividades sem qualquer previsão de remuneração.

No entanto, as aflições dos professores não se dão unicamente pela realidade econômica, mas também pelo ambiente hostil e concomitante processo de adoecimento da classe, como se vê em uma discussão entre a personagem Magda com o diretor Whitaker:

MAGDA - Quarenta anos de magistério. Qualquer um desenvolve um vício depois de tanto tempo dando aula.

WHITAKER - Aliás, falando nisso, você continua fumando, Magda?

MAGDA - Tô tentando parar.

WHITAKER - Desde quando?

MAGDA - Desde que eu comecei.

WHITAKER - Magda, olha o exemplo! Você é uma professora de adolescentes!  
É um absurdo que você ainda seja fumante!  
MAGDA - A culpa não é minha! Eu era uma atleta na juventude!  
WHITAKER - E o que aconteceu depois?  
MAGDA - Virei professora! (CORTEZ, 2014, p. 27).

Nesse excerto, podemos também perceber o traço da *intenção* do autor, ao buscar gerar, por meio do riso, um movimento de reflexão sobre a realidade docente posta em cena. Temos, nesse sentido, um tratamento burlesco impresso no estilo do texto dramático. Configura-se, então, dramaturgicamente, de forma crítica, o encontro com os preceitos da comédia, dando forma ao sensível tema da precarização do trabalho dos professores.

Ocorre, todavia, que no decorrer da peça, há, também, um paulatino movimento rumo ao trágico, quando os professores são levados à situação-limite, sendo manifesta a impossibilidade de qualquer diálogo ou negociação com a Sociedade Mantenedora, e explicitando, assim, a posição social a qual foram relegados. Buscando organizar-se minimamente, para aproveitar a presença de Dona Silvana (a presidente da Sociedade Mantenedora) na escola, os professores buscam um consenso, que não se materializa.

Logo os professores descobrem que Dona Silvana foi à escola apenas em razão do aniversário da instituição e não os receberá. Mais que isso, esta aproveita a ocasião para demitir o professor Olivério, evento esse que acentua o conflito e leva um grupo de professores a querer expor a instituição frente aos alunos, em meio ao evento comemorativo que se realizaria. Sabendo disso, Whitaker tranca a todos na sala dos professores, abrindo espaço para um trágico desfecho. Danilo, professor de Literatura, asmático e claustrofóbico, tem uma grave crise, beirando a morte. Olivério, por sua vez, corporifica uma visão do trágico romântico, por meio da ideia suicida:

MAGDA - Ele vai se matar! Era só o que faltava acontecer!  
FERNANDA - Pelo amor de Deus, Olivério!  
OLIVÉRIO (*sereno.*) - Por que vocês não vêm comigo? Somente um suicídio coletivo de professores poderá lançar uma luz sobre o sofrimento da nossa categoria. Um suicídio coletivo daria a exata dimensão do nosso cansaço e da nossa indignação. Seremos ícones de um novo tempo para a educação brasileira. O suicídio coletivo de um corpo docente inteiro fará com que o Brasil finalmente se sensibilize com a nossa causa inglória.  
ALVARO - Olivério! Pelo amor de Deus! Se você fizer essa bobagem, você vai se arrepender!  
OLIVÉRIO - Eu só tenho que pular do jeito certo, porque morto não se arrepende! (CORTEZ, 2017, p. 94).

Nesse sentido, podemos perceber o diálogo entre a *intenção* de causar o riso reflexivo no público (intenção predominante do texto dramático), com a justaposição em

cena dos signos trágicos da dor e piedade que conduziriam ao instante catártico. Nesse momento, uma *resolução* de caráter trágico já havia se desenhado, levantando expectativas sobre um final de mesma ordem, uma vez que a conscientização da fonte do mal se personificava na professora Mariana, que havia, há pouco, confessado já estar acordada com a Sociedade Mantenedora para ser a próxima diretora da escola. Essa nova consciência demonstrava que o individualismo seria o ponto central da impossibilidade de organização dos professores:

MARIANA - A partir de agora, nós colocaremos o Nova Vanguarda sempre em primeiro lugar! O Nova Vanguarda sempre valorizou os professores! A pergunta é: quem valoriza o Nova Vanguarda?

FERNANDA - Então, nós tínhamos uma traidora infiltrada nessa Sala.

MARIANA - Eu recomendo que você meça as suas palavras, Fernanda. (CORTEZ, 2017, p. 81).

A expectativa do final trágico não se consolida, rompendo com uma sequência de caráter trágico bastante marcado. Abre-se, assim, espaço para uma resolução típica da comédia de intriga - acompanhando o *desenvolvimento* não causal do conflito -, quando, logo após da ameaça de suicídio de Olivério, o diretor Whitaker abre a porta e admite estar errado em tomar parte pela Sociedade Mantenedora em detrimento do corpo docente. Nesse momento, Whitaker, a Sociedade Mantenedora e os professores têm uma situação de esclarecimento da intriga formada, quando descobrem a valorização dos alunos à classe docente:

WHITAKER - Um minuto. Vocês não podem ir embora.

FERNANDA - Mas nós vamos, Whitaker! A menos que você tranque a porta de novo.

WHITAKER - A Dona Silvana dispensou os alunos, mas eles recusaram a dispensa...

ALVARO - Como assim?

WHITAKER - Eu também não entendi! O que eu sei é que eles estão lá... Nas salas de aula. Esperando por vocês... Simplesmente... Esperando por vocês.

*No chão, ainda preso por Álvaro, Olivério está sereno.*

OLIVERIO - Me larga, Álvaro... Você não ouviu o Whitaker? Eu preciso dar aula... Todos nós precisamos dar as nossas aulas...

MAGDA - Pode soltar o Olivério, Álvaro. Ele agora tem pra onde ir. E nós, também.

*Álvaro solta Olivério, que se levanta.*

OLIVÉRIO - Exatamente, meus colegas... Avante... Como todos os dias. O professor... É o verdadeiro herói nacional.

*Entra música. Whitaker abaixa a cabeça e sai da sala. Um a um, todos, menos Álvaro, recolhem suas coisas e também vão saindo. Álvaro fica sozinho. Olha em volta, levanta da cadeira, pega seu diário de classe, alguns livros, respira fundo e se dirige à porta. Música sobe. Luz apaga em resistência.* (CORTEZ, 2017, p. 96).

Mesmo com a carga irônica percebida na resistência vagarosa de Álvaro (uma vez que, para além da reação dos alunos, nenhuma pauta dos professores foi sequer ouvida pela Sociedade Mantenedora), temos um final positivo; sinalizando, aos professores, o valor de sua função e uma vitória simbólica frente ao sistema educacional que os rege.

Nesse final irônico podem-se perceber traços do *tema* trágico e cômico. Em primeiro lugar, as debilidades humanas, aqui concernidas como o individualismo, parecem compor um problema de ordem universal que tornaria o conflito insolúvel. Some-se, a isso, a posição da Sociedade Mantenedora figurando como uma espécie de “deus” institucional da tragédia moderna. No entanto, a despeito da pretensa impossibilidade dos professores de conseguir um consenso coletivo, que possibilitaria uma resolução do conflito, os alunos o têm. É a partir do ato violento e conjunto destes (numa espécie de *Deus ex machina* moderno), que se abre o final positivo, demonstrando a necessidade de um consenso mais amplo que abarcaria todas as camadas da sociedade escolar. A composição das *personagens* varia entre o realista e o caricatural. Não obstante, todas elas experimentam uma transformação significativa a partir desse evento revelador.

#### 4. Considerações finais

Tendo em vista as observações realizadas, cremos ter sido possível observar o considerável nível de sofisticação característicos da tragicomédia e, especificamente, no drama de Leonardo Cortez. Como se pode observar, o jogo dramático intercambiante entre os elementos trágicos e cômicos gera um movimento constante de criação de expectativas, seguido pela sua (re)significação dentro de elementos diversos dos gêneros; gerando, assim, um novo e (re)ajustado universo de expectativas no público. A obra *Sala dos Professores* coloca em cena um conflito cotidiano, vivenciado por personagens populares. Ocorre, todavia, que sua inaptidão cômica gera uma ampliação do conflito a ponto de gerar a possibilidade de um desfecho trágico. A sutileza na construção das personagens e do universo dramático cria um ambiente de imprevisibilidade; conduzindo o público, a antecipar, continuamente, um sem-número de desfechos pontuais, potencializando o universo de expectativas deste. Por fim, podemos vislumbrar a função de um riso que não é acusatório, mas, sim, humanizante, uma vez que coloca aos olhos não somente a natureza das fraquezas humanas, mas também os riscos extremos advindos da sua cristalização.

## 5. Referências

ARÊAS, Vilma. **Iniciação à comédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CALVO, Norma Román. **Para leer un texto dramático: del texto a la puesta en escena**. 3. ed. Editorial Pax México, 2003.

CORTEZ, Leonardo. **Sala dos professores**. São Paulo: Giostri Editora, 2017.

ESSLIN, Martin. **Uma anatomia do drama**. Trad. Barbara Heliadora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. 3. ed. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.